

CRISE

Empresários de São Paulo fecham quase 17 mil postos de trabalho porque produção ficou estagnada. Comerciantes se retraem e afirmam que vendas caíram no Distrito Federal. Todos temem novos aumentos na cotação do dólar

Freio na indústria e no comércio

Andrea Cordeiro e
Mariana Ramos
Da equipe do **Correio**

Tudo que a indústria brasileira sonhou em ganhar em 2002 foi por água abaixo. A crise econômica toma conta do Brasil, que já iniciou o ano com taxa de juros elevada. Há dois meses, as incertezas sobre a política econômica do futuro presidente pressionaram o câmbio e levaram dinheiro para fora do país. Como resultado, indústria com produção estagnada, queda nas vendas do comércio e desemprego. Só neste ano, a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) fechou 16.900 postos de trabalho.

Um dos setores que mais sentiram o impacto da crise foi o de bens duráveis. No Distrito Federal, empresas de informática registraram queda nas vendas e aumento nos custos. "Registraramos perdas de 9% nas vendas neste mês e ele ainda nem acabou", reclama o diretor-presidente da CTIS, Valdir da Silva Oliveira. Segundo o empresário, toda vez que tem crise na economia, a loja sofre com a retração do mercado. "Como não é necessidade básica, as pessoas param de comprar", explica.

A queda nas vendas atinge com mais intensidade a linha de produtos *hardware* (equipamentos) do que a linha de suprimentos. "As pessoas não deixam de comprar disquetes e papéis. Mas um computador, que custa de R\$ 2 mil a R\$ 6 mil, elas já pensam duas vezes." De acordo com Oliveira, os preços na loja ainda nem começaram a subir, mesmo depois de dois meses de disparada do dólar.

TURBULÊNCIA FINANCEIRA

"Negociamos com os fornecedores e estamos mantendo a cotação em R\$ 2,70 para comprar os equipamentos", diz. Ele acredita que a crise vai passar logo, mas já começa a calcular estratégias para o caso de ter de ficar os próximos seis meses refém da alta da moeda americana. "Vamos ter de cortar custos e, para isso, dispensar pessoal."

A retração na loja de suprimentos de informática é resultado da turbulência do mercado financeiro que atingiu a economia real brasileira. Primeiro,

acertou o setor produtivo, estagnando a produção e aumentando o estoque das indústrias. Segundo o boletim *Sondagem Industrial*, publicado no início do mês pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), a estagnação no segundo trimestre deste ano resultou na acumulação indesejada de estoques de produtos finais. O boletim da CNI também revelou que o grau de utilização da capacidade instalada manteve-se próximo ao patamar de 70%, o mesmo do primeiro trimestre, contrariando a sazonalidade do período.

O assessor econômico da Confederação Nacional da Indústria (CNI), José Pastore, acredita que os próximos meses serão difíceis para o setor produtivo. "As indústrias começaram agora a sentir os efeitos da turbulência. Até então, estavam imunes", avalia. Pastore explica que as principais razões que impedem o avanço na produtividade são as dificuldades que as empresas encontram para obter empréstimos e pagar dívidas, com as elevadas taxas de juros internas.

ALTO CUSTO

O empresário Eronides Batalha, dono da Dupligráfica, está preocupado. Com o otimismo que tomou conta da economia brasileira no início do ano passado, comprou uma nova máquina alemã para a gráfica. Pagou uma parcela como entrada e financiou o restante em seis prestações.

Entre maio e junho, quando o dólar disparou sob efeito da incerteza política, a prestação da máquina passou de R\$ 60 mil para R\$ 90 mil. "A última prestação será em novembro. Só Deus sabe quanto terei de pagar", reclama. Entre os planos para 2002, Batalha planejava comprar nova máquina. Agora, não sabe mais se poderá investir.

Para o economista da CNI, a crise de 2002 é um susto para a indústria. Os fatores que foram perversos no ano passado, como rationamento de energia, alta do dólar e a crise argentina passaram e os empresários acreditaram num ano favorável até para as exportações para os Estados Unidos. "A reativação norte-americana dava sinais de que teríamos um ano muito bom. Mas veio a crise nos mercados. O pro-

Sérgio Amaral



OLIVEIRA, DIRETOR-PRESIDENTE DA CTIS: "REGISTRAMOS PERDAS DE 9% NAS VENDAS DESTE MÊS"

dutor se retraiu, o consumidor também, prejudicando toda a cadeia produtiva", detalha.

Mesmo com eleições no segundo semestre, o que poderia aliviar a economia, Pastore acredita que este semestre será muito difícil. "Os únicos setores que serão preservados da crise são os que lidam com bens de primeira necessidade, como alimentação, remédios e combustíveis." É o que está ocor-

rendo no Distrito Federal. Contrariando outros setores do comércio, a rede de supermercados SuperMaia está comemorando o aumento nas vendas. "Em relação ao mesmo mês no ano passado (junho), vendemos R\$ 663 mil a mais", comemora o assessor da diretoria da empresa, Mário Cunha.

O assessor revela que a empresa investiu em Marketing e em prazo. "O nosso diferencial é oferecer até 60 dias de prazo nas compras", justifica Cunha. Além disso, os produtos vendidos pelos supermercados são de necessidade básica. "As pessoas não podem deixar de comprar comida, por isso não enfrentamos recessão."

INFLAÇÃO AVANÇA

A inflação na cidade de São Paulo avançou para 0,43% na terceira quadrissemana de julho, segundo dados do IPC (Índice de Preços ao Consumidor) da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). Na segunda prévia deste mês, o indicador de preços havia apontado alta de 0,29%. Há um mês, na terceira quadrissemana de junho, o IPC estava em 0,26% e, há um ano, em julho de 2001, em 0,27%. A inflação da terceira prévia de julho foi a mais alta desde a terceira parcial de fevereiro, quando o índice apontava alta de 0,49% nos preços. (Agência Folha)

tem razão de existir. Todo ano político, o setor produtivo entra em compasso de espera, aguardando o novo presidente. É normal. "Pelo menos até o segundo turno, os investimentos ficam suspensos até que os programas de cada candidato sejam esclarecidos e com eles, os empresários saberão quais setores serão privilegiados", rebate.

Virene enfatiza que a crise na economia brasileira é antiga. O país está há mais de quatro anos com forte dependência externa para crescer. "O governo não dispõe de recursos para tocar o crescimento econômico e fazer os investimentos necessários na infraestrutura."

A crise no setor energético foi um exemplo da falta de dinheiro. Somado a isso, Virene acrescenta que o país vive cercado de crises políticas, econômicas e morais, principalmente na América Latina. "Sem contar a crise norte-americana, a intolerância dos mercados quanto ao risco e o contágio tardio da crise argentina. Sem dúvida, seríamos atingidos por ela. É o segundo mercado comprador do Brasil."